

A inclusão visual de estudantes de uma escola pública através de oficinas de fotografia promovidas pelo Projeto de Extensão Lajes¹

Simone Marques de Moura²

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Belo Horizonte, MG.

Resumo

Este artigo é um resumo das oficinas de fotografia promovidas desde março de 2015 pelo Projeto de Extensão Lajes³. A oficina de fotografia teve como objetivo promover a inclusão visual de jovens estudantes de uma escola pública belorizontina, através da realização de atividades teóricas e práticas envolvendo a linguagem fotográfica. O objetivo com isso, foi potencializar a capacidade expressiva dos estudantes, possibilitando que eles criassem suas próprias representações - sobre si e sobre a comunidade em que vivem.

A partir das fotografias produzidas por eles, discutiu-se com o grupo a possibilidade de desconstrução das imagens negativas disseminadas pela mídia tradicional sobre as comunidades periféricas e seus moradores.

Palavras-chave: Fotografia; Inclusão visual; Educomunicação; Adolescentes; Extensão-Universitária.

Introdução

Historicamente a favela e seus moradores têm ganhado representações negativas através dos meios de comunicação tradicionais (Libânio, 2008). Abordagem que fica mais evidente a partir da década de 90, principalmente através de noticiários sensacionalistas que buscavam escancarar o universo das favelas e subúrbios, conforme apontado pela Jornalista Aline Maia em seu artigo *Do subúrbio ao centro midiático* (2012).

Maia observa ainda que nos anos 2000, a representação da pobreza, em geral associada à violência, começa a ganhar espaço também nas telas do cinema.

De acordo com a jornalista, documentários como “Falcão, meninos do tráfico” (2006) e “Ônibus 174” (2003), e ficções, como “Cidade de Deus” (2002) e “Cidade dos Homens” (2003) contribuíram para acentuar a associação entre cidadãos pobres, negros,

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduada no final de 2014 no Curso de Jornalismo Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMG) e colaboradora voluntária do Projeto de Extensão Lajes. Eemail: simone.mmoura@gmail.com

³ O Projeto de Extensão A Cultura do Concreto: relações sociais e representações simbólicas das lajes nas cidades brasileiras - o Aglomerado da Serra tem como objetivo principal compreender as novas ordens sociais, culturais e econômicas desenvolvidas nas lajes no Aglomerado da Serra em Belo Horizonte. Com a finalidade de incentivar os alunos a refletirem as relações entre teoria e prática, o projeto de caráter interdisciplinar, está integrado aos departamentos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Ciências Sociais da PUC Minas. O projeto de extensão é financiado pela Pró-Reitoria de Extensão da PUC Minas.

moradores de favelas e bairros pobres ao imaginário de violência, marginalidade e subversão.

Tais representações disseminadas ao longo de anos têm, segundo Libânio (2008), revertido em efeitos negativos em nossa sociedade sobre a imagem que se têm sobre a favela e seus moradores.

No entanto, a antropóloga Fabiene Gama (2006) contextualiza que na última década este cenário tem mudado, através da inclusão visual⁴ proporcionada pelo, ainda recente, acesso à internet e aos dispositivos de comunicação e informação pelas camadas populares da sociedade brasileira.

Auto representação de grupos marginalizados e o fenômeno da inclusão visual

Gama (2006) destaca que nos últimos anos, projetos sociais voltados para a inclusão visual⁵ vêm se multiplicando em todo o mundo. Crescimento que segundo a pesquisadora, está tecnicamente relacionado ao barateamento dos custos de câmeras fotográficas e de vídeo, principalmente das digitais, e, socialmente, à importância que as imagens (e o consumo delas) vêm ganhando na sociedade contemporânea.

Voltados para a democratização dos meios de comunicação, segundo a antropóloga, estes projetos têm como objetivos mais amplos a inserção social dos moradores de favelas e a transformação da imagem negativa destes espaços e, mais especificamente, a educação visual de jovens e crianças. Inserção social, ou melhor inclusão visual através de um percurso educativo, que contribui para a descolonização do olhar e não apenas formá-los profissionalmente.

Esses projetos vêm ganhando visibilidade e espaço na mídia e na academia (Gama 2006), mas ainda têm exposições de imagens e debates limitados. No mundo universitário, encontros e congressos diversos vêm discutindo o tema em fóruns de fotografias latino-americanas, congressos de Sociologia do consumo, seminários de Antropologia da Imagem.

⁴Criado pelo fotógrafo e antropólogo, Milton Guran, o conceito de inclusão visual se refere iniciativas desenvolvidas nas últimas décadas no Brasil voltada para o uso experimental da fotografia como via para a inclusão social, desenvolvimento econômico, comunicação comunitária e midiativismo alternativo em territórios em risco social.

No âmbito, da PUC Minas, a discussão emerge a partir do levantamento feito pela equipe bolsistas, professores e colaboradores do Projeto de Extensão Lajes, quanto a exclusão visual à qual as classes populares estão submetidas.

Contexto que vai de encontro ao observado, por Guran (2004):

as comunidades empobrecidas, que sofrem amplos processos de exclusão social, geralmente não participam da produção da própria imagem, “sendo sempre e sistematicamente apresentadas ao conjunto da sociedade sob o impacto da tragédia – catástrofes, guerra de quadrilhas e confrontos com a polícia – o que só faz aumentar o preconceito com essa parte da população e a diminuir sua auto-estima” (GURAM, 2004).

Num cenário de desigualdade de acessos que perpetuam o estigma e a exclusão social de determinados grupos, a extensão universitária possui um importante papel no que se refere às contribuições que a universidade pode trazer frente à sociedade. Contribuição que de segundo Silva (2011), “se materializa ao proporcionar diálogo entre as partes e a possibilidade de desenvolver ações sócio-educativas que priorizam a superação das condições de desigualdade e exclusão ainda existentes”.

E, na medida em que socializa e disponibiliza seu conhecimento, tem a oportunidade de exercer e efetivar o compromisso com a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos. O que ainda, de acordo com Silva (2011), possibilita o fortalecimento da relação universidade-sociedade, a partir do desenvolvimento de ações que possibilitem contribuições aos cidadãos.

As oficinas de fotografia promovidas pelo Projeto de Extensão Lajes

De caráter interdisciplinar, com a participação de alunos dos cursos de Arquitetura, Comunicação Social, Serviço Social, Ciência Social e Antropologia⁶, a proposta da oficina do Projeto de Extensão Lajes partiu do pressuposto de que a fotografia pode ser um instrumento para que adolescentes moradores de uma comunidade pobre, possam vivenciar sua cidadania, valorizar suas relações sociais e dar visibilidade à sua comunidade.

O percurso formativo envolvendo a linguagem fotográfica foi desenvolvido na Escola Estadual José Mendes Júnior, localizada na Vila Conceição – uma das sete vilas que compõe o Aglomerado da Serra, na região centro-sul de Belo Horizonte. Na região onde está inserida a escola, verifica-se características e problemas próprios à localidades de baixa renda: algumas habitações em condições precárias e em área de risco, esgoto a céu aberto,

⁶ O projeto é coordenado pela professora do departamento de Antropologia Denise Pirani.

acúmulo de lixo e entulho em determinados locais devido ausência de coleta regular, ausência de áreas de lazer e atendimento precário por parte das políticas públicas locais.

A escola funciona nos três turnos e seu alunado é distribuído conforme as faixas etárias: adolescentes (a partir de 11 anos) horário da manhã; crianças (até 10 anos) – turno da tarde; jovens e adultos (a partir dos 16 anos) – horário noturno.

No caso das oficinas de fotografia ofertadas pelo projeto de extensão, eram realizadas duas vezes por semana, no horário de 17h às 19h, atendendo aos adolescentes que estudavam à tarde.

A escolha por adolescentes, como público participante das oficinas de fotografia foi motivada por alguns fatores, dos quais podemos citar: a disponibilidade de tempo livre para participarem das atividades; a facilidade no manuseio das tecnologias de informação e comunicação - familiaridade que não é percebida tão facilmente nos pais dos adolescentes; e por último, o potencial multiplicador que os adolescentes possuem.

Neste quesito, é importante destacar que a equipe percebeu que o conteúdo ensinado a um grupo de adolescente foi disseminado para os demais em função da intensa interação que eles estabeleciam entre si dentro do espaço escolar. De modo, que o público atendido pelo projeto foi bem maior que o previsto, devido a participação indireta de outros alunos.

A proposta da oficina de fotografia teve como referencial teórico-metodológico a Educomunicação. Conceito desenvolvido pelo pesquisador e professor da USP, Ismar Soares em 1999, a partir de pesquisa empreendida junto a organizações do terceiro setor atuantes nas áreas de Mídia, Educação e Cultura e distribuídas em todo o Brasil. Segundo o pesquisador, Educomunicação pode ser definida como:

O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos abertos, democráticos e participativos, e a ampliar os espaços de expressão na sociedade através de uma gestão democrática dos recursos da comunicação (SOARES, 2007)

O Soares (2007) defende ainda que a Educomunicação rompe com a prática da comunicação unidirecional em prol do circuito dialógico, propondo, em lugar da comunicação massiva, uma comunicação contra hegemonia. Este tipo de comunicação alternativa e emancipatória pressupõe:

todos os sujeitos como produtores, emissores e receptores e gestores de uma comunicação participativa, construtiva e efetiva, onde não só o indivíduo seja

protagonista, mas o grupo, especialmente, se fortaleça nas suas demandas e atuação, “sob a perspectiva da gestão compartilhada e democrática dos recursos da informação.” (SOARES, 2009).

Partindo dessa premissa, a oficina de fotografia teve como norte o deslocamento do papel dos participantes enquanto receptores das imagens propagadas sobre as comunidades periféricas e seus moradores, passando a serem produtores de suas próprias representações.

Neste sentido, o objetivo principal da oficina de fotografia foi capacitar estudantes a aguçarem a percepção sobre os aspectos positivos de sua realidade e cotidiano, refletindo sobre as formas como a mídia tradicional representa o lugar em eles vivem.

Sendo assim, o aprendizado dos alunos não se restringiria as técnicas de como fotografar, mas se estenderia ao aguçamento dos sentidos através do autoconhecimento e da reflexão, tendo as câmeras digitais e celulares como fio- condutores para esse aprendizado.

Para viabilização dessa proposta, o projeto tem contado com a parceria da escola que além de ceder o uso de seu espaço físico e dependências, disponibilizou recursos materiais e equipamentos como: câmeras fotográficas compactas, laboratório de informática com 10 computadores, aparelhos multimídia para a realização das atividades.

Perfil dos participantes

O grupo é formado por 21 adolescentes – 12 meninas e 09 meninos -, com idades entre 13 e 15, todos eles estudantes da escola onde é realizado o projeto. De acordo com o questionário que aplicamos para diagnosticar o nível de renda das famílias do participantes, identificamos que a maioria dos grupos familiares possuíam renda de até três salários mínimos. Outra característica importante de destacar é que nem todos possuem celulares de alta-tecnologia (smartphones) como imaginávamos.

Metodologia

Além da Educomunicação, a oficina de fotografia tem se alicerçado metodologicamente na pesquisa-ação. Nesse tipo de pesquisa, o pesquisador deve estar motivado a resolver um problema por meio de uma ação. Neste contexto, o problema a ser resolvido torna-se objeto de estudo. Thiollent (1996) define a pesquisa-ação como sendo:

(...) um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da

situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo." (THIOLLENT, 1996).

Thiollent (2007) afirma ainda que é preciso que a ação seja uma ação não trivial, o que quer dizer uma ação problemática merecendo investigação para ser elaborada e conduzida.

Já Morin (2004) contribui ao explicar pesquisa-ação, caracterizando-a como:

Trata-se de uma démarche de compreensão e de explicação da práxis dos grupos sociais, pela implicação dos próprios grupos, e com intenção de melhorar sua prática. No entanto tem ainda, a pesquisa-ação, objetivo emancipatório e transformador do discurso, das condutas e das relações sociais. (MORIN, 2004)

É importante ressaltar que a pesquisa-ação caracterizada por esses dois autores pode ser executada de diversas formas, desde que tenha como princípio, agir no campo da prática e investigar a respeito dela.

Fotografia para inclusão visual de estudantes, moradores de uma comunidade pobre de Belo Horizonte

Da vontade inicial de se fazer selfies, os motivos das fotografias foram se diversificando. A partir das referências fotográficas apresentadas pela equipe de bolsistas, os adolescentes passaram a incorporar outros temas às suas fotografias. Neste sentido, imagens envolvendo o cotidiano e à realidade dos adolescentes passaram a ser mais frequentes nas suas produções.

Acreditamos que a diversificação dos temas fotografados pelos jovens foi motivada pela ampliação de referências fotográficas, a partir da apresentação dos trabalhos do fotógrafo: Sebastião Salgado, Cyro de Almeida, André Cypriano, João Ripper, Jorge Quintão entre outros fotógrafos. Atividade que permitiu a ampliação do repertório de representações sobre a favela e seus moradores.

Durante a atividade de apreciação e análise das imagens, percebemos a identificação dos adolescentes com a realidade registrada através das lentes dos fotógrafos, uma vez que as imagens foram feitas em favelas belorizontinas e cariocas. Tal identificação suscitou longas reflexões envolvendo qual tipo de imagem da favela que recorrentemente ganha visibilidade nos veículos de comunicação tradicionais e quais outros inúmeras representações não ganham igual projeção.

As fotografias produzidas pelos jovens participantes



Título: Flores na varanda
Fotógrafa: Sara Rodrigues



Título: Eu vejo você através do lcd.
Fotógrafa: Brenda Hilton



Título: De rolé pelo beco – indo
Fotógrafo: Samuel Augusto Dorneles



Título: De rolé pelo beco – voltando
Fotógrafo: Samuel Augusto Dorneles



Título: Luz no fim do beco
Fotógrafo: Luis Eduardo Soares



Título: Essa casa é a minha
Fotógrafo: Luan de Almeida



Título: A antena parabólica
Fotógrafo: Gabriel Meneses



Título: roupas ao vento
Fotógrafo: Amanda Cristiane Soares



Título: Emaranhado de rabiola
Fotógrafo: Daniel de Paula Gomes



Título: A secar...
Fotógrafa: Júlia Costa

A observação das fotografias resultantes das oficinas permitiu conhecer e avaliar as percepções que os estudantes têm de sua comunidade e de si mesmos. Percepção que num primeiro momento aparece impregnado pelo discurso disseminado pela mídia tradicional sobre a favela, ao preferirem retratar somente o que há de negativo na comunidade. E só posteriormente a partir de muito debate e contato com outras referências de representações sobre a favela, os jovens se sensibilizarem de outros aspectos possíveis de serem registrados.

Acreditamos que enfoque inicial em imagens que revelam as dificuldades e problemas vividos na comunidade, ocorre em função de serem estes os temas que ganham maior espaço nos noticiários locais, contaminando o olhar e o discurso dos adolescentes.

Neste contexto, um dos propósitos da oficina, foi oferecer aos adolescentes subsídios que lhes permitissem não apenas compreender como as imagens fotográficas que proliferam no mundo são construídas, o que é fundamental para entender o seu significado, como defendido por Aumont (1993), mas também expressar e representar a realidade do seu ponto de vista, se tornando autor e sujeito ativo de sua história, e não apenas um espectador passivo.

Esse deslocamento lento e gradual dos papéis de receptor para produtor de discursos rompe com o modelo tradicional de comunicação no qual poucos detinham o controle sobre o tipo de formação ideológica que se fazia dos segmentos sociais.

Guran (2004) ao caracterizar o modelo tradicional de comunicação explica que:

Na representação mediática, quem detém os meios e a produção da imagem representa o mundo à sua maneira. Isso quer dizer que constrói a imagem de si que melhor lhe convém, e representa o outro a partir das ideias pré-concebidas do que esse outro deva ser, para que o mundo funcione de acordo com os seus interesses. (GURAN, 2004)

No entanto, apesar da influência da mídia no imaginário dos jovens sobre o que é favela, foi possível perceber que a partir de metodologias participativas e reflexivas, que a forma de você vê determinado sujeito social ou acontecimento pode ser desconstruído. Para isso, é necessário o estímulo a reflexões para que o sujeito reflita se aquele discurso que é propagado corresponde à realidade. Neste caso, para estimular essa capacidade dos adolescentes, preparamos uma atividade para o uso do laboratório de informática, no qual pedimos que eles pesquisassem no site de busca Google, as palavras Aglomerado da Serra e observassem quais os primeiros links que apareceram. Nesta atividade, os adolescentes verificarem que dos vinte links encontrados, dezessete relacionavam o Aglomerado da Serra a algum tipo de notícia envolvendo violência e criminalidade.

Após a pesquisa pedimos aos adolescentes que compartilhassem com o grupo o que perceberam dos links encontrados. A maioria dos participantes se posicionou contra as informações levantadas, afirmando que elas não correspondiam por completo à realidade vivida por eles. André Firmino de 15 anos, reforçou, por exemplo, que” (...) nossa comunidade possui vários aspectos positivos, mas o que predomina é a imagem da violência.

Opinião compartilhada pelos demais adolescente que atribuíram à mídia a difusão de estereótipos envolvendo a favela e seus moradores.

Conclusão

Ao longo do processo formativo em fotografia, pudemos perceber mudanças na forma como os adolescentes passaram a ver a comunidade em que vivem. Situação que evidencia a relevância de projetos como este para a promoção da inclusão visual de segmentos que historicamente estiveram excluídos do processo de produção de imagens sobre si e sua realidade.

A partir do contato com os trabalhos de outros fotógrafos, os adolescentes tiveram a oportunidade de ampliarem seu repertório de representações sobre a favela e seus moradores, influenciando na qualidade estética e na diversificação dos conteúdos fotografados por eles.

Desta forma, o objetivo inicial da oficina que era contribuir para o potencial expressivo dos adolescentes através do aprendizado dos fundamentos da fotografia foi concretizado.

Através do projeto percebemos que os estudantes passaram a perceber a comunidade de outra forma. Neste sentido, as oficinas de fotografia contribuíram para uma qualificação do olhar dos adolescentes sobre eles e sobre a realidade em que vivem.

Acreditamos que a partir de experiência promovida no âmbito da extensão universitária, estamos promovendo uma nova compreensão da realidade pelos alunos da rede pública através de uma maior aproximação com sua comunidade ao revelar outros ângulos, enquadramentos e perspectivas sobre seu local de vivência comunitária.

Referências

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1993.

BACCEGA, Maria Aparecida. **A construção do campo comunicação/educação**. Comunicação & Educação, São Paulo, v.5, n.14, p. 7, jan./abr. 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. In. A importância do ato de ler. São Paulo. Cortez, 1992.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 17.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

GURAN, Milton. **“Inclusão Visual”, a Inclusão Social através da Fotografia**. Disponível em <<http://photos.uol.com.br/matéria.jsp>>. Acesso em 04 maio de 2015.

LIBÂNIO, Clarice A. **Grupo do Beco: um olhar sobre as conexões entre arte, cultura e transformação nas favelas de belo horizonte**. Disponível em <<http://www.favelaeissoai.com.br/upload/Grupo%20do%20Beco.pdf>>. Acesso em 04 maio de 2015.

MAIA, Aline. **Do subúrbio ao Centro Midiático**. Disponível em <<http://www.acesa.com/direitoshumanos/arquivo/cidadania/2012/12/01-dosuburbio-para-o-centro-midiatico/>>. Acesso em 04 maio de 2015.

MORIN, André. **Pesquisa-ação integral e sistêmica: Uma antropopedagogia renovada**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

SILVA, Valéria. **Ensino, pesquisa e extensão: Uma análise das atividades desenvolvidas no GPAM e suas contribuições para a formação acadêmica**. Disponível em: http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf . Acesso em 07 de junho de 2015.

SOARES, Ismar de Oliveira. **“Caminhos da gestão comunicativa como prática da Educomunicação”**, in BACCEGA, Maria Aparecida e COSTA, Maria Cristina. Gestão da Comunicação: Epistemologia e Pesquisa Teórica, São Paulo, Paulinas, 2009.

_____. **Educomunicação, o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo, Editora Paulinas, 2011.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1996.